

A árvore que fascina, inspira e abraça

O Museu Nacional de História Natural e da Ciência está a desenvolver um programa de residências artísticas no qual os artistas podem trabalhar com as coleções científicas do museu e com os seus curadores. Neste contexto a artista plástica Christine Enrègle realiza a exposição, *Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses*. Série de trabalhos desenhados a carvão vegetal realizados durante a residência da artista no museu, de 9 de setembro a 29 outubro 2021.

A árvore *FICUS MACROPHYLLA ROXB* inspirou a Christine Enrègle para realizar os seus desenhos. “A figueira-estranguladora, originária da Austrália, pode germinar sobre árvores hospedeiras, estrangulando-as à medida que as suas raízes aéreas crescem e se estabelecem no solo, formando troncos secundários que rodeiam o tronco grosso e compacto. A árvore é muito exigente em água e tem uma elevada taxa de crescimento, podendo atingir mais de 60 m de altura. As folhas são grandes, espessas, de um verde-escuro brilhante. Como qualquer figueira, estabelece mutualismo obrigatório com uma espécie de vespa que garante a polinização, não existindo produção de figos férteis na sua ausência.”¹ A intenção da artista é atingir o princípio da sua criação com a apropriação da imagem da árvore materializada no desenho.

O tema é um pretexto para aprofundar a criatividade e a sensibilidade de Christine Enrègle, é um caminho para chegar à composição final. A árvore é o símbolo mais presente que existe em todas as civilizações e que já inspirou muitos artistas. Esta árvore a *figueira-estranguladora*, está sujeita a várias interpretações e cria proximidade com as pessoas, as suas raízes orgânicas estimulam o nosso imaginário. “Como se arrancasse das profundezas da terra as nodosas raízes de árvore descomunal, é assim que te escrevo, e essas raízes como se fossem poderosos tentáculos como volumosos corpos nus de fortes mulheres envolvidas em serpentes e em carnavais desejos de realização, e tudo isso é uma prece de missa negra, e um pedido rastejante de amém: porque aquilo que é ruim está desprotegido e precisa da anuência de Deus: eis a criação.”² A artista situa estes desenhos no território da possibilidade da mediação entre o céu e a terra, a verticalidade da árvore proporciona essa relação.

Os desenhos, assim com esta árvore específica, têm características antropomórficas, a dimensão dos trabalhos é muito importante para criar visualmente essa leitura e nos remeter para uma perspectiva onírica. Citando a artista, “passo muito tempo a olhar a árvore, em dois dias tirei 500 fotografias, preciso desse tempo de meditação para absorver. Sou sensível ao jogo da luz e da maneira como esta incide na árvore e as sombras que cria.” Estes trabalhos são desenhados directamente no papel, a artista não

¹ Ireneia Melo e Raquel Barata botânicas do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

² Clarice Lispector, in: *Água Viva*, p.10.

faz esboços. Desenha a partir da visualização directa da árvore e de fotografias que vai tirando ao longo do seu processo de trabalho.

Christine Enrègle gosta de observar a árvore através de diversos pontos de vista e assim, pouco a pouco, vai descobrindo as suas várias formas e só depois desta contemplação é que a vai fotografar. “Na obra, o artista não se protege somente do mundo, mas da exigência que o atrai para fora do mundo. A obra doma e submete momentaneamente esse ‘lado de fora’, restituindo-lhe uma intimidade, ela impõe silêncio, confere uma intimidade de silêncio a esse lado de fora sem intimidade e sem repouso que é a fala da experiência original.”³ A fotografia é um grande auxiliar para a construção destes desenhos, continuando a citar a artista, “o início é sempre a observação, faço fotografias sobre as quais vou trabalhar durante a residência e nunca utilizo fotografias antigas, são sempre fotografias novas.”

Para Christine Enrègle esta árvore tem formas orgânicas femininas e masculinas, esta mutação é muito interessante na construção do seu trabalho. Consegue visualizar muitas coisas e fazer variadas interpretações e nós como observadores também potencializamos outras interpretações.

Christine Enrègle não tem uma ideia precisa do que vai desenhar quando inicia o seu processo criativo. Sente as coisas, a energia e a sua aptidão artística passam através do seu corpo que as vai interpretar e a partir dos gestos, do carvão as desenha. É um trabalho com o corpo inteiro e pouco a pouco o desenho toma consistência e a artista consciência. Por vezes volta para junto da árvore para ver melhor algum pormenor que lhe tenha escapado e sentir mais uma vez a energia da *FICUS MACROPHYLLA ROXB.*

A árvore, a artista e o público, esta tríada constitui-se e materializa-se nos desenhos e na exposição da Christine Enrègle.

“Ao desejo o prazer alguma força cresce.
Desejo, árvore à qual o gozo é adubo certo,
E enquanto a casca engrossa e aos poucos enrijece,
Teus ramos querem ver o sol ainda mais perto!”⁴

Sofia Marçal

³ Maurice Blanchot, in: *O espaço literário*, p.49-50.

⁴ Charles Baudelaire, in: *As Flores do mal, Ô cerveaux enfantins!* p.636.